

JAZZ

29 SETEMBRO 2017

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Kaja Draksler Octet

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Kaja Drakslar Voz Björk Niélsdóttir, Laura Polence Saxofones e clarinetes Ada Rave, Ab Baars
Violino e viola George Dumitriu Contrabaixo Lennart Heyndels Bateria Onno Govaert

Sex 29 de setembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Kaja Draksler ou a ingenuidade como atitude revolucionária

Sobre *Gledalec*, o novo projeto em octeto de Kaja Draksler, a crítica referiu que estamos perante «uma linguagem de composição jazzística nova». Pode até ser que sim, mas a pianista eslovena que está nas bocas do mundo – ou pelo menos da Europa, dada a tradicional resistência norte-americana ao que lhe chega do Velho Continente com o formato da “sua” música – jura a pés juntos que não o fez com propósito e intenção: «Escrevi apenas o que ouvia dentro da cabeça.»

Do mesmo modo, é sem programa definido que Draksler está a entender de um modo inédito a corrente tendência para misturar idiomas musicais, associando elementos do *free jazz* e da livre improvisação a outros da música erudita contemporânea (e do Renascimento, sobretudo no tema de abertura, *Mirabile Mysterium*, mas fazendo-se sentir em outros momentos) e da *folk* ou mesmo da pop. Tanto assim que o duplo álbum saído pela portuguesa Clean Feed não reproduz os processos usados pelo jazz de fusão da década de 1970 nem está em linha com a estética de colagem dos Noventa. «Não pensei em termos de estilos, mas de valores musicais. Simplesmente, senti que havia aspetos que faltavam ao jazz e à música clássica e quis compensar essas ausências. E como juntei músicos no meu grupo que vêm de diferentes origens, destinei-lhes materiais que pudessem iluminar os seus respetivos talentos e, ao mesmo tempo, desafiá-los», refere a jovem

compositora de Ljubljana residente em Amesterdão.

A ingenuidade de Draksler não é inédita. Quantas vezes a evolução do jazz e as suas revoluções foram devidas a avanços que surgiram sem os seus autores perceberem bem o alcance que teriam ou qual o seu verdadeiro significado? Tendemos a julgar que cada inovação resulta de uma especial engenharia, quando o que se passa é bem mais prosaico: a novidade como algo que se deve à reunião de determinadas circunstâncias e condições ou à expressão de uma individualidade (a de um compositor) ou de um conjunto de especificas características pessoais (quando se trata de um grupo). Podemos teorizar o que quisermos *a posteriori* ou até durante estes processos em que se acrescenta alguma coisa ao que já foi feito, mas o que os explica é, muitas vezes, o acaso ou o que interiormente se fantasia. A responsável daquele que agora nos é apresentado ao vivo deita por terra essa noção de que há sempre uma estratégia, e da forma mais desarmante: «Não segui qualquer conceito específico. Apenas tentei diversas maneiras de compor para duas vozes.»

Mesmo isso – escrever para voz com múltiplas perspetivas – poderia ser entendido como um empreendimento ambicioso. Um crítico chegou, inclusive, a enraizar o tratamento do canto em *Gledalec* como a presente expressão de um contínuo musical que vem de Hildegard von Bingen (século XII) e teve Meredith Monk como principal expoente em anos recentes. Mais uma vez, porém, Kaja Draksler devolve-nos

à realidade dos factos: «Foram as palavras que deram pretexto às composições. As palavras e a inspiração que as duas cantoras, Björk Nielsdóttir e Laura Polence, me providenciaram, somando-se às vozes que ouvia na minha imaginação.» As ditas palavras foram retiradas às obras do poeta chileno Pablo Neruda e do dramaturgo esloveno Gregor Strnisa e encomendadas à cantora e *performer* grega Andriana Minou: «Comecei pelos textos e posso dizer que foram estes que determinaram a maior parte das peças. Uns surgem como *spoken word*, outros constroem uma narrativa ao longo dos dois CDs e com alguns criei uma espécie de jogos. Em certas passagens utilizo esses textos na língua original, mas também traduzidos em Inglês, para as pessoas poderem aceder melhor à música.»

A inclusão de dois saxofonistas e clarinetistas (Ab Baars – que também toca shakuhachi, a tradicional flauta de bambu japonesa – e Ada Rave) parecia anunciar uma intrigante organização por pares com as duas vozes, mas se tal vai acontecendo aqui ou ali («era inevitável», admite Draksler), a relação do núcleo vocal com os instrumentos é bastante menos fixa. «Os sopros combinam-se, regra geral, com o violino (ou a viola) de George Dumitriu e com o contrabaixo de Lennart Heyndell, quando não se diluem no todo, incluindo o piano, tocado por mim ou pelo baterista Onno Govaert quando estou a conduzir, e a bateria. As instrumentações variam muito», esclarece.

Só assim, de resto, os contrastes procurados se revelam, em particular

entre a forma-canção e a música instrumental e entre a interpretação do que está notado e a improvisação sem cifras. Mas assim como há contrastes, há zonas dúbias em que se torna impossível detetar onde termina um tipo de abordagem e começa o outro. Até por isso a relação entre simplicidade e complexidade na música de Kaja Draksler nunca é óbvia. Um antigo improvisador (tocou com Derek Bailey) tornado compositor neoclássico, Gavin Bryars, sustenta que só a música escrita pode ser complexa. Em *Gledalec* muito do que é estrutural e lexicalmente mais simples está nas partituras, com as intervenções improvisadas a revelarem-se extraordinariamente complexas – atente-se, por exemplo, no que Baars faz com o saxofone tenor em *The Builder*. Mas como nada está normatizado, o contrário também se verifica. «Gosto de ir até aos dois extremos do espectro, mas não é possível ficarmos sempre neles. Até porque, para irmos até ao outro lado, há que atravessar muito terreno», explica.

Gledalec tem outra particularidade. Trabalhar com um octeto no âmbito do jazz suporia que Draksler fizesse uso das coordenadas que identificam o formato *big band*, mas não é o que verificamos. A moldura desta proposta é fornecida pela música de câmara, à semelhança de outras (de terceiros) que a antecederam – algumas até derivando de uma atitude anticonformista. Só que, uma vez mais com a ocasional parceira da portuguesa Susana Santos Silva, essa troca não foi intelectualmente (musicologicamente) decidida. «Não penso nesses termos. Não avalio

as coisas assim. Apenas componho o que oiço dentro de mim e o que acho interessante. Enquanto escrevo não tenho consciência desses parâmetros, vou em frente», confessa a artista. Pois ainda bem que há quem nos surpreenda por servir a sua própria alma criativa e não as doutrinas estéticas que vigoram. E ainda bem que alguma inocência (a inocência possível de quem estudou a arte pianística de Cecil Taylor e teve lições de Jason Moran e Vijay Iyer) ainda se contrapõe às cartilhas e agendas deste mundo conduzido por pressupostos. Hoje, pouco há de mais autêntico e despojado do que a música que Kaja Draksler nos dá a ouvir...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Kaja Draksler

piano

Pianista e compositora, nasceu em 1987 em Kranj, na Eslovénia. Depois de estudar na Holanda (bacharelato em piano de jazz e mestrado em composição clássica), decidiu viver em Amesterdão onde é membro ativo na cena da música improvisada, apresentando-se com frequência por toda a Europa. Para além dos seus frequentes concertos a solo, tem trabalhado regularmente com Čudars-Draksler Duo, Feecho, BadBooshBand, e Draksler-Santos Silva duo. É também uma dos fundadores do grupo interdisciplinar I/O. Recentemente formou o seu octeto. Enquanto compositora recebeu encomendas de vários grupos internacionais, desde conjuntos vocais ou de câmara a *big bands* e orquestras.

Kaja procura encontrar formas de fundir composição com improvisação livre, trabalhando com diferentes estruturas e lógicas musicais. Procura eliminar as fronteiras musicais estilísticas e históricas e descobrir uma expressão e uma linguagem pessoais através da composição e da improvisação.

Björk Nielsdóttir

VOZ

Soprano islandesa (Reiquejavique, 1986), começou os seus estudos musicais muito nova, tocando trompete. Tocou na Björk Gudmundsdóttir's Volta World Tour em 2007-2008, antes de prosseguir a sua carreira como cantora. Depois dessa digressão, Björk iniciou

os seus estudos no Conservatório de Amesterdão. Durante a sua aprendizagem cantou em óperas de Mozart, Händel, Charpentier e Purcell e criou o papel de Tia / Anjo na estreia mundial de *Sinking* de Georgi Sztojanov.

Em 2013/14 apresentou-se em diversos festivais na Holanda, como solista em *Carmina Burana* e como Marie em *Woyzeck* (produção do teatro Silberse de Amesterdão que se dedica à produção de ópera experimental).

Estreou-se no Muziekgebouw de Amesterdão em setembro de 2014 como soprano solista em *Stabat Mater* de Arvo Pärt e em *Stabat Mater* de Pergolesi, com The New European Ensemble.

Para além da sua carreira como cantora clássica, Björk apresenta-se em digressões pelo mundo fora como cantora e trompetista com artistas da música pop (Florence and The Machine), da música improvisada e com cantores compositores.

Laura Polence

VOZ

Cantora e compositora, nasceu em 1987 em Riga, na Letónia, tendo-se estabelecido na Holanda desde 2007. A música tradicional letã e 12 anos de estudos musicais académicos europeus, que constituíram a sua formação musical, fundiram-se num forte interesse pelo jazz moderno, a música popular do Brasil e, nos anos mais recentes, em ideias de composição para uma cantora que é também autora de canções. Fez o seu mestrado em Artes Performativas

no Conservatório de Amesterdão. Em 2010, integrada num programa de intercâmbio, estudou na Temple University, em Filadélfia, nos EUA. Laura ganhou o Prémio para a Melhor Composição no Dutch Jazz Competition 2012. Neste momento está a trabalhar com a banda *folk-pop-ópera* Snowapple, no projeto experimental vocal How Town, no projeto de música brasileira Resamba e no Octeto de Kaja Drakler.

Ada Rave saxofones e clarinete

Saxofonista, improvisadora e compositora argentina, nascida em 1974 em Chubut. Procura uma abordagem pessoal ao seu instrumento baseada na utilização de uma vasta variedade de técnicas. O seu trabalho evolui em torno da composição em tempo real a solo ou em grupo. Desde a sua adolescência que residiu em Buenos Aires, onde desenvolveu a sua música na cena jazzística local, rapidamente se envolvendo nos seus projetos próprios na área do jazz e da livre improvisação. Em 2013 mudou-se para Amesterdão, onde continuou a expandir o seu trabalho pessoal e a sua paixão pela livre improvisação. Para além de tocar, fundou e organiza uma *jam session* mensal em Amesterdão, em De Ruimte (um espaço muito frequentado que acolhe concertos, exposições de arte, loja de discos, restaurante, café, etc.).

Abe Baars saxofones e clarinete

Músico, compositor e líder de bandas holandês (Magrette, 1955), toca saxofone, clarinete e shakuhachi (instrumento japonês semelhante à flauta). Dedicou-se sobretudo aos projetos *Aba Baars Solo*, *Baars-Buis*, *Fish Scale Sunrise*, *Perch Hen Brock & Rain*, *Ab Baars Trio*, *Duo Baars-Henneman*, *ICP Orchestra*. Nas críticas, a sua música tem sido referida como de uma alegria obstinada, apelativa, tão colorida quanto surpreendente. Personifica a melhor música improvisada tipicamente holandesa. Apesar de raramente usar formas de canção reconhecíveis ou ritmos *swingantes*, a música fica no ouvido por se concentrar na sua essência e ser apresentada de uma forma clara. Al Baars tem sido louvado internacionalmente tanto pela sua música a solo como em grupo, que tem apresentado em centenas de concertos pela Europa, América do Norte, Brasil, Japão e Austrália ao longo dos últimos 30 anos.

George Dumitriu violino e viola

Nasceu em Bacau, na Roménia, em 1982 e é um instrumentista e compositor ativo no campo do jazz, da música improvisada e da música para teatro. Toca viola, violino e guitarra elétrica enriquecida, ao vivo, eletronicamente. Completou os seus estudos de violino clássico em Bucareste e depois um bacharelato e um mestrado em guitarra de jazz na Holanda, em Groningen e

Amesterdão, e nos Estados Unidos, em Nova Iorque. Foi nomeado professor convidado de guitarra no Conservatório de Amesterdão e no Conservatório Prins Claus em Groningen. Atua internacionalmente com uma variedade de projetos (*Kaja Drakler Octet*, *Sanem Kalfa*, *Zapp4*, *Alex Simu Quintet*, *Hidden Myth*, *I/O*, *Steven Kamperman Trio*) e liderando o seu grupo *DUMITRIO*.

Lennart Heyndels contrabaixo

Contrabaixista e compositor nascido na Bélgica, em Mechelen, em 1990. Divide o seu tempo entre Amesterdão, Berlim e Bruxelas, colaborando com uma grande variedade de músicos. É mais conhecido por liderar uma banda, que prosperou rapidamente, formada por três vozes femininas, contrabaixo e guitarra, *How Town*, em que Lennart põe à prova as suas capacidades como compositor assumindo uma atitude de simples autor de canções cantadas. Para além disso, atua com grupos que vão desde um conjunto de dez elementos ao solo. A sua música caracteriza-se pela utilização de ideias simples e claras dentro de estruturas complexas, frequentemente dando um espaço considerável à improvisação. Lennart estudou no Real Conservatório de Haia, no Conservatório de Amesterdão e no CNSMDP (Conservatório Nacional Superior de Música de Paris). Recebeu vários prémios, entre os quais *Theater Aan Zee Jong Muziek* (2014), *Dutch Jazz Competition* (2014), *European Young Artist's Jazz Award* Burghausen

(2013) e *Prinses Christina Jazz Concours* (2010).

Onno Govaert bateria

Baterista holandês, nascido em 1987 em Tilburg, é um elemento essencial da cena jazzística de Amesterdão e faz parte da mais nova geração de artistas que se dedicam à música improvisada. Em 2009 licenciou-se *cum laude* no Conservatório de Amesterdão. Onno toca regularmente nos prestigiado *Bimhuis*, tendo-lhe sido concedida uma *Carta Branca* em 2013 e completou três digressões *Young Vip*, concedidas na Holanda a jovens talentos. A sua música é descrita como “estilo livre avançado com imaginação e uma energia dinamizadora. Usa uma gama de som extensa com utilização brusca do contraponto”. Tem feito digressões pela Europa, Américas do Norte e do Sul, Sibéria e Japão e tocado nos *North Sea Jazz Festival*, *Moers Jazz Festival*, *Reykjavik Jazz Festival*, *London Jazz Festival*, *Centro Cultural de São Paulo* e no *Goethe Institute* de Lisboa, entre outros. Onno tem trabalhado com um largo espectro de Músicos de todas as gerações.

Próximo espetáculo

Fanfare

de Loïc Touzé

© Alain Monot



Dança Sex 29, sáb 30 de setembro

Palco Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M12

(...) Esta dança é-nos oferecida como uma mistura impressionante de abstração minimalista e de densidade de presença, que torna o mais leve contacto potencialmente explosivo (...). Todos os sentidos estão despertos, a imaginação é reforçada, uma tensão contida irradia dos olhares e da ponta dos dedos. É contagioso.
Smaranda Trifan, *inferno-magazine.com*

Próximo espetáculo de música

Oker

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



Jazz Ter 3 de outubro

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

Grupo de música improvisada estranho à generalidade das propostas que provêm deste circuito e com todo o seu encanto a residir, precisamente, nessa particularidade.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do
Cego nº50, 1000-300 Lisboa
21 790 51 55 · www.culturgest.pt